

Vinte anos de ausência¹

Renard Perez²

Há 20 anos falecia no Rio de Janeiro a cronista Eneida. Eneida, simplesmente, sem o Vilas Boas Costa de Moraes dos documentos oficiais por uma opção pessoal à maneira de certo desafio eu de um sentido de individualidade. Sobretudo cronista e jornalista, natural do Pará (Belém, 23-10-1903), radicada no Sul (no Rio a partir de 1930), era mulher de personalidade forte, de idéias políticas de esquerda, grande animadora no campo literário e interessada em nossas manifestações populares (o Folclore, o Carnaval), obra e maneira de ser que assumirão, no panorama artístico do tempo, a maior evidência.

Na oportunidade da data, este Suplemento presta uma homenagem a essa figura tão atuante em vida, e cujos trabalhos de sentido literário e humano vão se tornando desconhecidos das gerações mais atuais, e para as quais, pelo documento que representam, é uma questão de justiça recuperar.

O pai de Eneida - Guilherme Joaquim da Costa - caboclo amazônico, homem muito inteligente, mas sem preparo, enriqueceu no grande período da borracha. Comandava pequenos navios que cruzavam o Amazonas, e foi numa dessas viagens que encontrou Júlia, natural da Bahia (filha de baiano e mãe paraense), professora, muito culta e vinte e dois anos mais nova que ele - com quem se casou. Tinha Guilherme como uma de suas principais características o profundo amor ao rio - amor que a escritora herdaria e que suas crônicas tanto demonstram. Aliás, a vida de Eneida está registrada em suas crônicas, publicadas em jornais e revistas e especialmente em seus livros - *Cão da Madrugada*, *Aruanda* e *Banho de Cheiro* - onde as recordações de infância surgem, num extravasamento de sua sensibilidade.

A escritora teve uma infância que sempre considerou maravilhosa - infância embalada pelas lendas nativas que o pai e a babá lhe contavam, ou as histórias de Perrault e fábulas de La Fontaine que lhe vinham através de uma das governantas francesas - Elise Platt (muito cedo aprendeu ela o francês, e quando foi para o Colégio Sion, em Petrópolis, Estado do Rio, menina ainda, ele já lhe era familiar).

A Literatura está intimamente ligada à sua vida, e pelos sete anos escreveu o primeiro conto (onde as influências das histórias de fada puseram em cena um personagem lenhador - figura que nunca vira...). Também no colégio, um pouco mais tarde, a Literatura se fazia comparecer nas cartas e sonetos de amor que escrevia (a fim de trocar com as colegas por barras de chocolate...).

Desde pequena, gostava de dançar; duas coisas a mãe considerava indispensáveis uma moça saber: declamação e balé. E a escritora se recordaria que, pelos

seis anos, já declamava. A *Lágrima*, de Guerra Junqueira, poema quer adulta, sabia ainda de cor.

Lia muito, sempre lerá muito - e tinha, em pequena, a orientação da mãe e a sua biblioteca. A preocupação maior de D. Júlia era criar seus quatro filhos (dois homens - sendo Eneida a mais velha) com independência, sem medo, prontos para enfrentar a vida. Dentro do tal critério, costumava ela dizer que não havia livros imorais, jamais proibindo a leitura de determinada obra. Diante de certos romances (*A Carne*, de Júlio Ribeiro, por exemplo), apenas observava que eram ruins e que não iria gostar.

Aprendeu a ler com a mãe, pelos quatro anos, entrando em seguida na Escola Primária de D. Hilda, em Belém. Aos dez, veio para o internato do Colégio Sion, onde ficou até os quinze, hospedando-se, durante as férias, na casa de uma parente residente no Rio. Era estudiosa, mas tremendamente levada. Até os 14 anos trazia as pernas cobertas de equimoses, porque nunca afastava uma cadeira do caminho; passava por cima... Sempre se correspondia com a mãe, que também vinha visitá-la constantemente.

Voltou a Belém um ano antes de completar o curso. Dois anos depois, o falecimento da mãe - vítima de gripe espanhola -, provocou imprevista mudança em sua vida. De repente, viu-se com três irmãos menores sob a sua responsabilidade. Além de tudo, sobreveio o choque entre ela e o pai, com quem não tinha grande afinidade. Uma série de contrariedades levou-a então a requerer maioridade, o que não conseguiu.

Depois de cursar os preparatórios no Colégio Gentil Bittencourt, matriculou-se na Faculdade de Odontologia, curso que fez em apenas um ano (tendo sido a oradora da turma). Enquanto cursava a faculdade, estudava também taquigrafia e datilografia, disposta a

conseguir de qualquer modo a sua independência. No mesmo ano em que se formava (1921), casou-se com Genaro Baima de Moraes, igualmente paraense, funcionário do Banco Nacional Ultramarino (de que chegará a ser diretor).

Continuava lendo. Quando a mãe faleceu, deixou-lhe a biblioteca, que por sua vez foi enriquecendo com os livros comprados em Belém (de modo geral literatura francesa, mais fácil de adquirir do que a nacional). Na imprensa local, passou a escrever crônicas e pequenos poemas, tendo também trabalhado como secretária de uma revista - *A Semana* -, lugar antes já ocupado por Peregrino Júnior. A essa época chegou mesmo, com a desenvoltura própria da mocidade, a fazer crítica literária (escrevendo inclusive sobre *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida). Ainda hoje, *O Estado do Pará*, de que foi colaboradora, conserva orgulhosamente o seu retrato na parede.

Em 1925, numa de suas viagens ao Rio, conheceu, na redação do *Para Todos*, onde lá colaborava, o escritor *Álvaro Moreyra*.

Em 1929, publicou o primeiro livro - *Terra Verde* (Livraria Globo, Belém) - poemas amazônicos, em versos livres - elogiado por João Ribeiro e Peregrino Júnior, mas que ainda assim, mais tarde, a escritora porá na conta de suas irreflexões da mocidade. Era Eneida, no entanto, àquela altura, figura do maior prestígio em Belém, tendo sido cognominada, com a publicação do livro, *a Fiandeira Literária da Planície*. Em grande evidência, seu retrato aparecia nas bancas de jornais, havendo ganho a pedra verde da Amazônia - o Muiraquitã -, numa festa a ela oferecida pelos intelectuais do Pará e Amazonas, à frente dos quais se encontrava o escritor Raimundo Moraes.

O seu casamento (de que teve dois filhos - Léa e Octávio Sérgio, e destes, cinco netos, sendo da primeira, um casal) não foi feliz e, em 1930, resolveu mudar-se para o Rio. Aqui, ligou-se a um grande grupo: Gilberto Freyre, Murilo Mendes, Múcio Leão, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, Cícero Dias. Conheceu também por essa época Manuel Bandeira (de quem foi vizinha na Rua Moraes e Vale, na Lapa), Anibal Machado (que seria pela vida afora uma de suas maiores amigas) e pouco depois - Rachel de Queiroz, que vinha do Ceará vitoriosa com a publicação de seu primeiro romance - *O Quinze*.

Em 1932, encontrando-se numa situação econômica difícil - já ligada a uma posição política de esquerda, em que se manterá - vai trabalhar em São Paulo. Passou todo o ano naquele Estado, e foi nesse período que teve a sua primeira prisão política, durante quatro meses. Quando voltou para o Rio, afastou-se do meio literário.

Em janeiro de 1936 foi presa novamente (um ano e seis meses), ficando agora na Casa de Detenção

(Pavilhão dos Primários) do Rio - onde conhecerá Graciliano Ramos, que também ali se encontra. Na prisão, escreve um livro de contos - *Quartirão* -, com cujos originais concorre em 1937 ao Prêmio Humberto de Campos, da Livraria José Olympio (concurso no qual será premiado Luís Jardim, com *Maria Perigosa*). Desse livro, aliás, selecionará Graciliano (que a ela fará várias referências em suas *Memórias do Cárcere*) o conto *O Guarda-Chuva*, incluindo-o em *Contos e Novelas* - antologia do conto brasileiro com critério geográfico (Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1957, 3 volumes) aparecendo o trabalho no primeiro volume - *Norte e Nordeste*. Mais tarde, esse mesmo *O Guarda-Chuva* será desenvolvido numa pequena novela e publicado em *Bom-Dia, Professor*.

Durante cerca de treze anos tem Eneida uma etapa de prisões, desempregos e sofrimentos. Nesse período ocupou os mais variados empregos, inclusive o de operária, escreveu artigos políticos, fez traduções. Em toda essa fase nunca deixou de ler, principalmente entre 1936 e 1937, na prisão, quando tomou contato com toda a moderna literatura brasileira. Dois amigos se encarregavam de lhe mandar livros. Também no cárcere pensou em escrever uma obra - *História Popular das Lutas Brasileiras*. Desse trabalho só restarão fichas, abandonado que foi o plano completamente.

Em 1946 reaparece a escritora fazendo crônicas num pequeno jornal - *Movimento Feminino*, no Rio. Em 1949 vai à Europa, visitando de passagem Belém do Pará. Passa um ano em Paris, onde se reencontra literariamente. Faz cursos de Literatura Geral e Literatura Infantil, e escreve um livro - *Paris e Outros Sonhos* - crônicas de sentido memorialista, que não chega a publicar.

Conservará a escritora lembranças magníficas de Paris. Ia todo sábado ao Comitê Nacional de Escritores, ouvir palestras, conferências e debates, tendo oportunidade de conhecer ali vários escritores e artistas, como Paul Eluard, Louis Aragon, Elsa Triolet, Blaise Cendrars, Picasso, Jean Marsenac, Jean Cocteau, o português Ferreira de Castro.

De Paris, escreve Eneida uma carta para o *Diário Carioca*, oferecendo colaboração. Otávio Tirso e Prudente de Moraes, neto, velhos amigos, aceitam a sugestão para uma colaboração dominical, passando ela então a enviar com regularidade notícias da Europa.

Colaborará naquela folha até 1953. Em 1951, entrará para o *Diário de Notícias*, fazendo reportagens sobre livros e autores em seu suplemento literário, assinando depois uma crônica duas vezes por semana - *Encontro Matinal* -, em pouco diária, e que manterá até o fechamento do jornal.

Em 1953, escreveu *Sujinho de Terra*, literatura infantil, com que receberá, em 1957, o prêmio de

literatura para o gênero, instituído pela então Prefeitura do Distrito Federal, mas que manterá inédito.

Em 1954, publica Eneida *Cão da Madrugada* - crônicas (Ed. José Olympio, Rio) - livro com páginas de grande beleza, onde evoca sua infância no Norte, descreve liricamente a sua estada em Paris e nos exhibe flagrantes pitorescos e humanos, com a sua extraordinária capacidade de surpreender a beleza do trivial. O livro tem excelente acolhida e em poucos dias reaparece em segunda edição.

Ainda no mesmo ano dá-nos *Alguns Personagens* (Serviço de Documentação, MEC), contendo uma novela excelente (*Cló-Cló, entre Oceanos, Mares e Rios*) e cinco reportagens, sobre figuras (e uma obra) expressivas do nosso momento artístico e literário.

Em fins de 1957, retorna a escritora com seu quarto livro - *Aruanda* - crônicas (ed. José Olympio, Rio), no mesmo estilo memorialista de *Cão da Madrugada*, e que, do mesmo modo que este, recebe um grande acolhimento da crítica e do público, transformando-se também o volume num pequeno *best-seller*.

Grande interessada pelas manifestações de caráter tipicamente popular, apaixonada pelo Carnaval - apresentará por outro lado Eneida, em 1958 - resultado de pesquisa em velhos jornais, revistas e livros (Biblioteca Nacional), arquivos de clubes carnavalescos, consultas a especialistas e gente do passado - *História do Carnaval Carioca* (Ed. Civ. Bras., Rio) - mas livro que, embora a riqueza de seu material, considerará apenas uma contribuição para o estudo, em outras óticas, desta grande festa entre nós.

Em maio de 1959 fez uma viagem à Rússia, convidada pelo Sindicato de Escritores daquele país, estendendo tal viagem por outros países da Cortina de Ferro e à China, e de cujas impressões nos dá conta em *Os Caminhos da Terra* (Ed. Antunes, Rio, 1959). Ainda no mesmo ano publica, com Paulo Berger - *Copacabana, - História dos Subúrbios* (Depto. de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal), cabendo à escritora a introdução da obra.

Eneida, que através de suas reportagens e sua seção no *Diário de Notícias* muito contribuirá para a divulgação de nossa Literatura (e que desdobrará ainda a sua atividade de cronista propriamente dita em um grande número de revistas) dá-nos, em 1962 - *Romancistas Também Personagens* (Ed. Cultrix, SP) - novo conjunto de reportagens literárias dentre as publicadas no Suplemento do *Diário de Notícias*, agora focalizando dezesseis autores de nossa ficção atual. Apresenta-nos ainda *Banho de Cheiro* (Ed. Civ. Bras., Rio) - belo livro de conteúdo autobiográfico (estão aí, ao lado da evocação de figuras como as do pai, da mãe, de momentos de sua infância, de sua Belém desse mesmo tempo ou de sua adolescência, de tipos que as

povoaram - muito de seus começos no Rio, de suas etapas de prisão, retratos de amigos e companheiros da fase) - trabalho esse que, embora na mesma técnica de suas crônicas, é, na verdade, um volume de memórias inclusive por sua ordenação), só que em forma fragmentária; livro que é, sobretudo, o retrato interior de uma admirável mulher - forte, corajosa, grande figura humana - e que está porventura a se constituir, pela carga de emoção nele impressa, o melhor momento de sua obra.

Em 1965, dá-nos Eneida, simultaneamente - *Molière Narrado para Crianças* - tradução, adaptação e prefácio de *Contes Tiré de Molúbre*, de Jeanne Ch. Normand (Ed. Letras e Artes, Rio) e o já anteriormente citado *Boa Noite, Professor* (Ed. Civ. Bras., Rio) - volume de contos que reúne, com o trabalho que lhe dá título, a segunda versão de *O Guarda-Chuva e Os Assassinos* - o livro que vem formar, com a novela *Cló-Cló entre Oceanos, Mares e Rios*, a sua experiência inédita no campo da ficção. Ainda em 1959, fora já este último trabalho incluído em *Contos Femininos - Seleção e Notas* de R. Magalhães Junior (*Panorama do Conto Brasileiro*), Vol. 10 (Ed. Civ. Bras., Rio) - coletânea reunindo trinta e três autores que, a partir do final Século XIX (aparecimento da primeira delas), utilizaram o gênero entre nós. (Com o título de *Seleção de Contos Femininos*, esse mesmo livro reapareceria em 1967, em edição de bolso (Ed. Tecnoprint, Rio). Por outro lado, esta novela fora também incluída em *Escritores Brasileiros Contemporâneos* - biografias seguidas de antologia, deste A. (Ed. Civ. Bras., Rio, 1960, 2ª ed., 1970).

Figura dinâmica, espírito aberto e empreendedor, empenhando-se sempre numa maior divulgação da Literatura Brasileira (uma abertura de novas vias para essa divulgação), será Eneida responsável por uma grande iniciativa nesse sentido: a introdução, entre nós, das hoje tradicionais tardes de autógrafos (idéia que traz de Paris quando de sua primeira viagem) - e que começam a ser realizadas em 1955, no Rio, na Livraria São José de Carlos Ribeiro (a primeira, com o poeta Manuel Bandeira com seu *Itinerário de Pasárgada*, inteiramente gorada, a segunda com o mesmo Bandeira e Carlos Drummond de Andrade autografando seus discos de poesia - já então coroada de êxito). Como Secretária-Geral da União Brasileira de Escritores (UBE), sob a presidência de Peregrino Júnior, tem também grande participação, ao lado de Jorge Amado (Vice-Presidente da entidade), na realização do Festival do Escritor Brasileiro (à semelhança dos da Europa) - esta, uma memorável noite de autógrafos que aconteceu, uma vez por ano, por três vezes consecutivas, de 1960 a 1962 (os dois primeiros no térreo do Shopping Center de Copacabana, o terceiro no do Museu de Arte Moderna) - com a presença de quase quatro centenas

de escritores de todo o Brasil (e convidados especiais do exterior - no primeiro - Graham Greene e Alberto Moravia, no segundo, Anna Seghers) e a participação de conhecidas figuras dos meios artísticos e esportivos. Festivais que têm extraordinário êxito e mobilizam toda a cidade, mas que, significativamente, deixam de se realizar de 1964 em diante, como protesto de toda uma classe à situação política que o País passa a atravessar.

Esse mesmo espírito motivador é posto igualmente em execução em outro campo. Em sua paixão pelo Carnaval, e dentro de um sentido de recuperação de suas fontes, idealiza, em 1957, o Baile dos Pierrots (antes experimentaria o dos Dominós) - baile que acabará por tornar-se ponto importante no calendário carnavalesco da cidade (e que vai, sob seu comando, até 1968). Mas sua participação não permanece num clima de elite, como é o de tal baile. Confunde-se com a alma do Carnaval, é defensora dos Ranchos, então quase em extinção (e para os quais cria, no Museu da Imagem e do Som, a cujo Conselho Superior de Música Popular pertence, em 1968, - a Comissão de Louvor). Frequenta escolas de samba, é sócia do Salgueiro. Escola que por seu lado levará para a avenida, como tema-enredo no Carnaval de 1965, a sua *História do Carnaval Carioca* (onde desfila na Ala dos Pierrots), com tal tema se sagrando a escola campeã desse Carnaval. Participará igualmente de um show - *Carnavália* (Teatro Casa Grande, Leblon, julho de 1968) - uma história do Carnaval através de suas músicas e ali interpretadas por três cantores da velhguarda, sendo a autora do texto que, contrapontando o espetáculo, lê para o público.

A partir de 1968, muito doente (ainda em 1959 fora operada da laringe), mas sempre escrevendo, permanece um tanto afastada das aparições públicas. Em 1969 (com um câncer no pulmão, inoperável), submete-se a uma cirurgia de um tumor no intestino.

Ainda assim irá, em janeiro de 1971, a Belém, a convite do Governador do Estado, para a inauguração (a 18 de março), do Museu Paraense da Imagem e do Som - concretização de um grande sonho seu. Pretende tornar ao Rio para o Carnaval. Mas já o faz tendo em vista o agravamento de seu mal. E a 10 de março (depois do derrame cerebral que lhe paralisa todo o lado esquerdo), deixa o seu apartamento (na Av. N. S. de Copacabana, 1.333, ap. 21) para ser internada no Hospital Miguel Couto, onde permanecerá. Inconsciente já há vários dias, vem a falecer às 6:30 da manhã de 27 de abril, conseqüência de uma hemorragia cerebral.

O corpo, embalsamado às expensas do Governo de seu Estado, é transportado para o Museu da Imagem e do Som, onde fica exposto à visita (o caixão coberto com a bandeira do Salgueiro).

Seu último desejo, já expresso no final de *Banho de Cheiro*, verbalmente ao livreiro Carlos Ribeiro, e

em carta-testamento aos filhos e irmãos - ser enterrada em sua terra natal, no Cemitério de Santa Izabel, sob suas mangueiras -, será cumprido. Às 22 horas é a urna mortuária transportada ao Aeroporto do Galeão e, à meia-noite, embarcada (às expensas também de seu Estado) em voo direto a Belém, onde chegou às 3:50 do dia seguinte, quando é levada para a sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, no qual fica em câmara ardente. Às 10 horas, depois de encomendado o corpo, sai o enterro. A caminho do cemitério, pára o cortejo diante dos lugares que a escritora mais amou: o Cais do Ver-o-Peso, o Teatro da Paz, a casa onde nasceu (esquina da Travessa Benjamim Constant com Boaventura da Silva). Junto com os parentes ali residentes, acompanham-no os intelectuais da terra, políticos, o Vice-Governador, universitários, estudantes da Escola de Teatro, alunos do ginásio. Às 11:05 baixou o corpo à sepultura (nº 573), ao lado do jazigo da família, num ataúde coberto pelas bandeiras do Estado e do Clube do Remo.

No Rio, por proposta do Sr. Austregésilo de Athayde, o Conselho Estadual de Cultura da Guanabara aprovou, em sua seção de 28, um voto de pesar pela morte da cronista, cuja importância no jornalismo e crônica foi ressaltada pelo Conselheiro Afrânio Coutinho.

Na quarta-feira, 28, o poeta Carlos Drummond de Andrade, em sua coluna do *Jornal do Brasil*, escreve a crônica *Valente Eneida*, que assim termina:

"Deixa de seu tempo um testemunho cáldo, esparso em milhares de crônicas, reportagens, pronunciamentos, que refletem a vivacidade, o dom de amar, a humanidade tumultuosa e jovial de uma mulher que nunca se dobrou à convenção, à conveniência econômica, aos poderes arbitrários. Mulher que pretendia ser uma criação de si mesma. Jogou fora o Costa paterno, o Moraes do casamento, para ser apenas Eneida, responsável e consciente dentro de sua estrutura emocional. E como Eneida será lembrada - a valente Eneida".

Em janeiro de 1973, é publicado *Eneida... Simplesmente Eneida* - ensaio bibliográfico de Veloso Leão (Ed. Livraria São José, Rio).

Ainda no Carnaval desse ano, uma homenagem é-lhe prestada: como seu tema-enredo, a Escola do Salgueiro apresenta Eneida, Amor e Fantasia.

Em Belém, a Biblioteca Municipal, a quem doara seus livros, homenageou-a com a Sala Eneida. Em agosto de 1978, com a presença da família, é inaugurada, no Bairro da Pedreira (bairro proletário), uma praça com seu nome.

1. Ensaio publicado em 1991 no Suplemento Literário Minas Gerais

2. Renard Perez - crítico de Literatura, ensaísta e jornalista